



Companhia das Lezírias

Coordenação da Produção Florestal e dos Recursos Silvestres

Espécies ameaçadas e habitats prioritários existentes na UGF

Fauna

Aves

Das espécies de aves nidificantes na UGF foram seleccionadas (LabOr, 2010) como mais relevantes em termos de conservação as espécies com nidificação confirmada ou nidificação provável (Equipa Atlas 2008) na área. De entre estas consideraram-se as espécies com estatuto de conservação desfavorável (EN - Em Perigo, VU - Vulnerável, CR – Criticamente em Perigo), espécies com distribuição escassa na Península Ibérica para as quais a CL alberga abundâncias elevadas, espécies com tendências populacionais desfavoráveis a nível Europeu e um endemismo ibero-franco-macrebiano. No final, foram seleccionadas 12 espécies (Tabela I) com elevado potencial de conservação e que devem constar do processo de certificação.

Nome comum	Nome científico	LVPT	SPEC	% PT	Tend. PT	% ES	Tend. ES
Bútio-vespeiro	<i>Pernis apivorus</i>	VU	NSPEC	15	Aumento possível	12	Desconhecida
Açor	<i>Accipiter gentilis</i>	VU	NSPEC	17	Aumento seguro	37	Incerto
Águia-de-bonelli	<i>Hieraaetus fasciatus</i>	EN	SPEC3	16	Aumento seguro	15	Redução segura
Ógea	<i>Falco subbuteo</i>	VU	NSPEC	19	Sem alteração	31	Redução possível
Noitibó-cinzento	<i>Caprimulgus europaeus</i>	VU	SPEC2	23	Aumento possível	35	Desconhecida
Noitibó-de-nuca-vermelha	<i>Caprimulgus ruficollis</i>	VU	NSPEC	24	Sem alteração	31	Desconhecida
Picapau-galego	<i>Dendrocopos minor</i>	LC	NSPEC	28	Sem alteração	8	Aumento possível
Rabirruivo-de-testa-branca	<i>P. phoenicurus</i>	LC	SPEC2	17	Sem alteração	9	Aumento possível
Felosa-ibérica	<i>Phylloscopus ibericus</i>	LC	NSPEC	56	Sem alteração	35	Desconhecida
Felosa-de-bonelli	<i>Phylloscopus bonelli</i>	LC	SPEC2	27	Aumento possível	45	Desconhecida
Picanço-barreteiro	<i>Lanius senator</i>	NT	SPEC2	67	Redução segura	71	Redução possível
Bico-grossudo	<i>C. coccothraustes</i>	LC	NSPEC	28	Redução segura	12	Incerto

Tabela I – Lista das espécies consideradas relevantes para inclusão no processo de certificação. Estatutos de conservação segundo o Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal (LVPT), Categorias SPEC (*Species of European Conservation Concern*), Percentagens de ocorrência em Portugal e Espanha (% PT e % ES) e respectivas tendências populacionais (Tend. PT e Tend. ES).

Seis das 12 espécies apresentam estatutos de conservação elevados (cinco “vulneráveis” e uma em “perigo”), as restantes cinco são “pouco preocupantes” e 1 quase “ameaçada”. As espécies deste último conjunto apresentam na sua maioria percentagens de ocorrência baixas no contexto Ibérico e cujas tendências populacionais são desconhecidas ou estão em regressão.



Companhia das Lezírias

Coordenação da Produção Florestal e dos Recursos Silvestres

Categorias do IUCN tidas em consideração:

Em perigo crítico (CR); Em perigo (EN); Vulnerável (VU).

Observando a listagem da fauna que ocorre na Charneca verifica-se a existência de seis espécies de avifauna raras, ameaçadas ou em perigo de extinção que de alguma forma usam o espaço florestal da CL como área de abrigo, alimentação ou reprodução.

As espécies em questão são o Noitibó-cinzento (*Caprimulgus europaeus*), o Noitibó-de-nuca-vermelha (*Caprimulgus ruficollis*), o Açor (*Accipiter gentilis*), a Ógea (*Falco subbuteo*), a Águia-de-bonelli (*Hieraetus fasciatus*) e o Bútio-vespeiro (*Pernis apivorus*).

A conservação destas espécies passa pela manutenção de uma rede de áreas com as características de habitat necessárias à sua subsistência que vai para além do âmbito de uma certificação individual. Sendo espécies cujas zonas habitualmente ocupadas vão muito para além de fronteiras regionais, são necessárias políticas/medidas de cariz Nacional que dêem o enquadramento necessário para o estabelecimento de medidas de conservação que possam surtir efeito. Esta grande rede formada pelas diversas áreas mais pequenas de cariz local deverá idealmente cobrir todo o território vital de cada espécie. É a este nível que cada proprietário deverá agir de forma a identificar e conservar as áreas de habitat que localize dentro das suas propriedades de forma a contribuir localmente para a preservação geral destas espécies. Dentro destas premissas identificam-se as características mais importantes em termos de habitat (segundo o Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal) de cada uma das seis espécies acima referidas, as medidas de conservação, bem como aquilo que se conhece em termos da sua ocorrência na CL:

***Pernis apivorus* (Bútio-vespeiro)**

Esta espécie está classificada como vulnerável devido ao reduzido número de indivíduos (menos de 1.000 indivíduos maduros) em Portugal Continental.

Esta espécie secretiva nidifica em montados de sobre relativamente densos e pouco perturbados na imediação de áreas abertas (várzeas, pastagens e pousios) e com encabeçamento reduzido (Cabral 2006). Esta particularidade deve-se ao facto da espécie se alimentar de himenópteros com frequência ao nível do solo.

As medidas de conservação passam pela preservação do habitat, nomeadamente o montado de sobre e pela promoção de um espaço florestal mais diversificado.

Na CL estimamos que tenham ocorrido nos últimos anos 3 a 4 casais desta espécie, com fortes probabilidades de um casal nidificar na área do Poceirão.

***Accipiter gentilis* (Açor)**

Está classificada em Portugal Continental como vulnerável devido ao reduzido número de indivíduos (inferior a 1.000 indivíduos maduros)



Companhia das Lezírias

Coordenação da Produção Florestal e dos Recursos Silvestres

O Açor nidifica em áreas de pinhal-bravo adulto (pelo menos 50 anos) com bosquetes de folhosas no sub-bosque, como sejam sobreiros (Cabral 2006). Esta espécie tem a particularidade de caçar no interior das áreas florestais, pelo que necessita de povoamentos amplos com abundantes populações de aves de médio porte (ex. pombos e corvídeos). Esta abundância de presas deve ser assegurada durante todo o ano, uma vez que se trata de uma espécie fortemente residente (Díaz et al. 1996).

Circundantes às formações arbóreas onde nidifica, encontram-se terrenos abertos de mato, culturas agrícolas e pastagens (Rufino 1989, Pimenta & Santarém 1996, Silva 1998), onde tende a caçar perto das orlas. Evita paisagens demasiado compartimentadas ou demasiado contínuas (Rufino, 1989).

A diminuição da ocorrência de grandes incêndios e a promoção da diversificação dos espaços florestais para além de um controlo mais apertado das infracções e crimes contra a natureza são as principais medidas de conservação a ter em conta.

Na CL, apesar de existirem áreas de habitat potencial, registámos esta espécie apenas uma vez no pinhal da Carrasqueira (junto aos povoamentos mais antigos). Este facto deve-se a ser uma espécie com hábitos bastante discretos e que ocorre normalmente em baixas densidades ao longo da sua área de distribuição.

***Hieraetus fasciatus* (Águia-de-bonelli)**

Está classificada como estando em perigo em virtude de ter uma população muito reduzida (entre 50 a 250 indivíduos adultos) em Portugal Continental. A população arborícola em Portugal parece estar em recuperação em termos de efectivo e plasticidade (Luís Palma).

Na parte sul da bacia do Tejo e nas planícies alentejanas, nidifica por norma em cursos de água onde a espécie tem à sua disposição tanto escarpas como eucaliptais e pinheiros-bravos grandes para nidificar, rodeado por cerealicultura extensiva, pastagens, pousios, matos e montados (Inácio e tal. 1999b, MC Pais, com. Pess).

Na CI existe um dos dois únicos casais conhecidos em Portugal Continental que habitam em estuários.

Para além do reduzido número do efectivo populacional, a “sub-população” a que pertence o casal existente na CL parece estar em divergência genética das demais. Aparentemente existe um fluxo genético reduzido e uma fixação de características próprias sobretudo de cariz comportamental. Constatou-se que existe uma certa predisposição para a nidificação em árvores de grande porte (Luís Palma).

As principais medidas de conservação para esta espécie prendem-se com a conservação dos territórios e o aumento dos recursos tróficos, vigilância e condicionamento de actividades e projectos que possam destruir ou degradar o habitat nas imediações dos ninhos, penalização efectiva do abate, destruição e espólio de ninhos, correcção de troços de linhas de transporte de energia e de parque eólicos em áreas sensíveis, estudo da Tricomoníase e tratamento de crias



Companhia das Lezírias

Coordenação da Produção Florestal e dos Recursos Silvestres

infectadas, monitorização regular da população e desenvolvimento de campanhas de sensibilização.

Em 2009, o casal fez ninho e criou com sucesso uma cria num pinheiro de grandes dimensões no pinhal de Vale Frades.

Em 2010 o casal foi avistado nas imediações do ninho e há indícios de ter ocorrido um desmoronamento parcial daquele tendo-se encontrado restos de um ovo. Não se conseguiu contudo apurar se este ovo é de 2010 ou se pelo contrário será de anos transactos.

Em 2011 foram observados três crias no ninho onde já tinha sido criado com sucesso um indivíduo em 2009.

***Falco subbuteo* (Ógea)**

Está classificado em Portugal Continental como vulnerável devido ao número reduzido de indivíduos (menos de 1.000 indivíduos maduros).

No sul aparece principalmente nas zonas de montado de sobro e em áreas de povoamentos mistos de sobreiro e pinheiro, usualmente com clareiras agrícolas e pastagens nas proximidades, áreas abertas (podendo ou não ser húmidas) com elevada abundância de insectos (e.g. libélulas) e pequenas aves, ao mesmo tempo que evita os montados mais ralos e não aparece nos terrenos pouco arborizados em geral (Onofre & Palma 1986, Rufino 1989).

Está dependente de outras espécies que constroem ninhos em árvores, nomeadamente os corvídeos e outras rapinas (Cramp 1998), uma vez que raramente nidifica noutro substrato que não em plataformas construídas em árvores.

As principais medidas de conservação passam pela preservação das espécies de rapina e de corvídeos bem como de bosquetes e linhas de arvoredo importantes para a nidificação. Não inclusão da gralha-preta na lista de espécies cinegéticas exploráveis no calendário venatório. A manutenção de áreas de agricultura tradicional, pastagens e pecuária extensiva são também importantes.

Na CL existem nos últimos anos dois registos desta espécie sempre em povoamentos de pinhal. A disponibilidade de ninhos para ocupar é, aparentemente, elevada uma vez que as galhas são abundantes na área.

***Caprimulgus europaeus* (Noitibó-cinzento) e *Caprimulgus ruficollis* (Noitibó-de-nuca-vermelha)**

Classificadas como vulneráveis devido principalmente ao declínio continuado da população e do seu habitat em Portugal Continental. População estimada entre os 1.000 e os 10.000 indivíduos.

As duas espécies de noitibós são apresentadas em conjunto pois (1) a CL encontra-se na área de simpatria das espécies e (2) as medidas e ameaças são semelhantes. O noitibó-cinzento ocorre maioritariamente na metade norte de Portugal, enquanto o noitibó-de-nuca-vermelha na



Companhia das Lezírias

Coordenação da Produção Florestal e dos Recursos Silvestres

metade sul. Na zona da Lezíria do Tejo ocorrem ambas as espécies (área de simpatria), tornando estas áreas locais de elevada importância em termos conservacionistas para ambas as espécies.

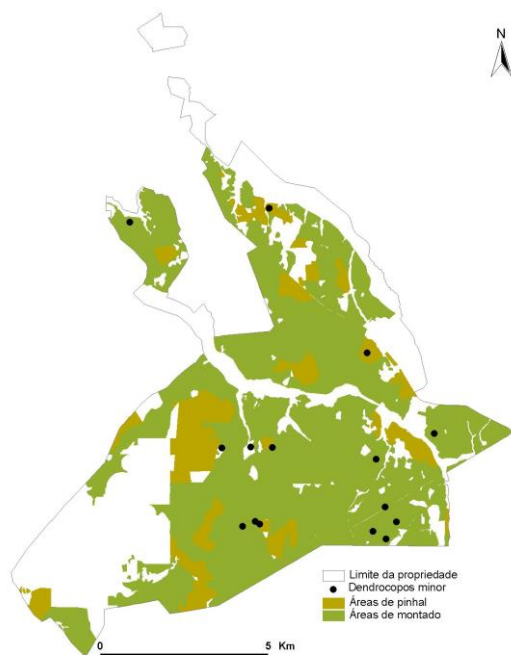
Os noitibós seleccionam áreas com árvores dispersas (principalmente montado e pinhal) de reduzida extensão e na imediação de áreas abertas onde possam caçar insectos (ex. lepidópteros desfolhadores). A sua simpatria na área de estudo deve-se à transição de habitats que aí se encontra: o noitibó-cinzento ocorre em áreas dunares com clima essencialmente atlântico, ao passo que o noitibó-de-nuca-vermelha selecciona essencialmente matagais mediterrânicos (Rufino 1989; Equipa Atlas 2008). Os atropelamentos em caminhos rurais recém alcatroados e o uso de pesticidas em áreas de mato são as suas principais ameaças às espécies (Cabral 2006).

Como medidas de conservação há que aprofundar o conhecimento sobre a dimensão do efectivo populacional e requisitos de habitat. Manutenção de áreas extensas de habitat que possuam zonas abertas intercaladas com bosquetes e uma política florestal. Redução do uso de pesticidas e produtos fitossanitários na agricultura bem como manutenção de sistemas agro-silvo-pastoris tradicionais e da agricultura extensiva.

Limitar o alcatroamento de caminhos rurais.

Na CL nidificam as duas espécies, quer em áreas de pinhal quer em áreas de montado (ex. pinhal da carrasqueira, montados da zona central da CL). É importante realçar as áreas de alimentação onde se observam altas densidades de noitibós (arrozal, pivots e nos montados a Este do pinhal da carrasqueira). Avistado um ninho no Roubão.

Picapau-galego *Dendrocopos minor*





Companhia das Lezírias

Coordenação da Produção Florestal e dos Recursos Silvestres

Figura 1 – Mapa de distribuição do Picapau-galego na Chameca da CL

É uma espécie sem estatuto de conservação desfavorável, cujas populações aparentemente estão estáveis, mas com distribuição reduzida em Portugal e Espanha. Nas áreas florestais da CL é uma espécie frequente, apresentando uma distribuição ampla.

O seu habitat preferencial são montados densos com árvores velhas, sendo favorecido pela presença de galerias ripícolas (dominadas por Choupos ou Freixos), contudo evita os povoamentos de pinhal (Martí & Del Moral 2003; Díaz et al. 1996). A existência de árvores secas nos povoamentos de montado potencia locais de nidificação e abrigo, uma vez que é um controlador de insectos xilófagos prejudiciais à floresta (Martí & Del Moral 2003). Uma medida importante de protecção à espécie é evitar desbastes entre Março e finais de Agosto uma vez que coincidem com as épocas de nidificação e de muda (Martí & Del Moral 2003).

Rabirruivo-de-testa-branca *Phoenichurus phoenichurus*

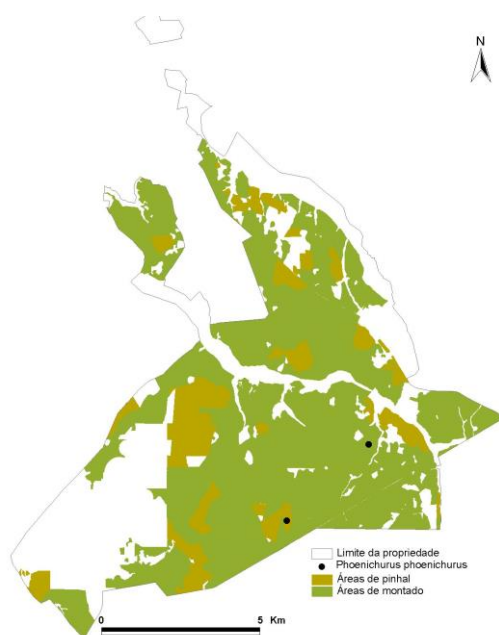


Figura 2 – Mapa de distribuição do Rabirruivo-de-testa-branca na Chameca da CL

É uma espécie sem estatuto de conservação desfavorável mas cuja distribuição em Portugal e Espanha é reduzida. A sua população nidificante está concentrada na Europa onde apresenta um estatuto desfavorável de conservação. Devido à baixa percentagem de ocorrência desta espécie no nosso território, deve-se tomar especial atenção aos locais potenciais de nidificação. Apesar de existirem apenas dois registos na CL, estes referem-se a aves com comportamento territorial em locais propícios à nidificação.

O Rabirruivo-de-testa-branca nidifica em bosques maduros usando as cavidades naturais para fazer os ninhos. Prefere bosques mistos com sobreiros antigos mas não muito densos, com clareiras e sub-bosque diverso onde existam elevadas densidades de insectos (Martí & Del



Companhia das Lezírias

Coordenação da Produção Florestal e dos Recursos Silvestres

Moral 2003). A existência de pinheiros antigos numa floresta de sobreiro permite manter um ambiente húmido, característica que favorece o aparecimento da espécie (Equipa Atlas 2008). Os matagais de frutificação outonal (ex. Aroeira e Zambujeiro) são determinantes como fonte alimentar na migração pós-nupcial (Jordano 1987).

Felosa-ibérica *Phylloscopus ibericus*

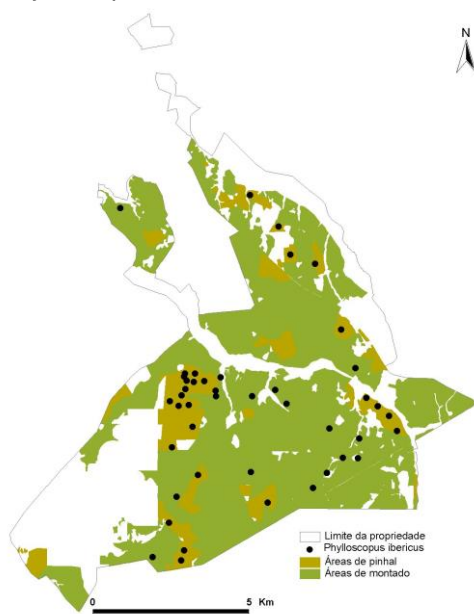


Figura 3 – Mapa de distribuição da Felosa-ibérica na Charneca da CL

A distribuição da Felosa-ibérica na Europa restringe-se a 3 países (Portugal, Espanha e França). Uma vez que escasseiam dados de Espanha e França, a estabilidade do efectivo reprodutor desta espécie deve-se em grande parte ao efectivo nacional, onde não apresenta estatuto de conservação desfavorável. A sua inclusão nesta lista deve-se ao elevado número de registos na CL o que realça a sua importância para esta espécie.

Esta espécie ocorre essencialmente em orlas florestais, nomeadamente galerias ripícolas bem conservadas com predominância de salgueirais (Martí & Del Moral 2003) e matagais bem desenvolvidos no interior de povoamentos florestais (ex. pinhais). Nestes habitats de transição encontra muitas vezes áreas de ensombramento onde abundam os insectos de que se alimenta (essencialmente dípteros). A destruição das galerias ripícolas e das sebes naturais, em particular devido a um aumento do sobre-pastoreio são as principais condicionantes à ocorrência da espécie (Martí & Del Moral 2003).



Felosa-de-bonelli *Phylloscopus bonelli*

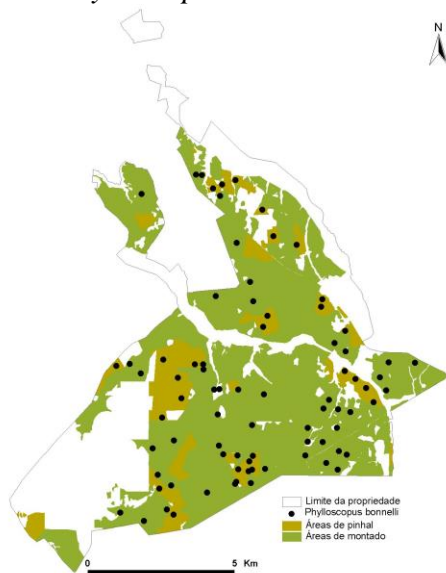
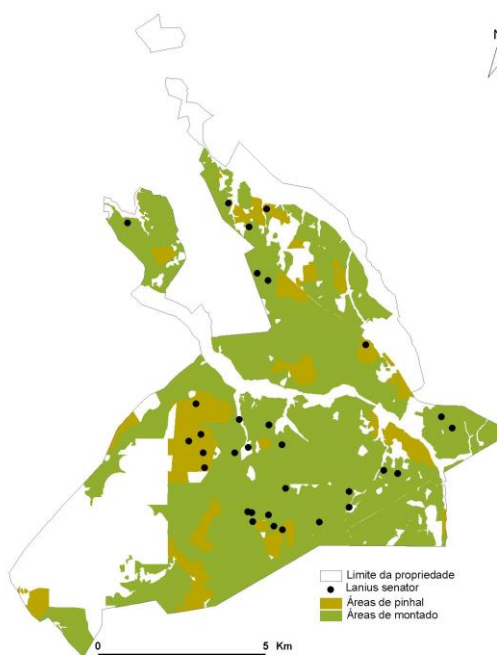


Figura 4 – Mapa de distribuição da Felosa-de-bonelli na Charneca da CL

A maioria da sua população encontra-se concentrada na Europa onde apresenta um estatuto desfavorável de conservação. Em Portugal é uma espécie Não Ameaçada mas com distribuição reduzida. A CL revela, pelo elevado número de registos, um elevado interesse para a espécie no contexto nacional.

Esta espécie é favorecida pela transição entre áreas de pinhal e montado (Martí & Del Moral 2003), independentemente de ser *Pinus pinea* ou *P. pinaster*. As suas abundâncias são geralmente maiores em áreas relativamente secas onde o sub-bosque (densidades intermédias) é dominado por sobreiro, e onde existe pouca intensidade de pastoreio (baixos encabeçamentos).

Picanço-barreteiro *Lanius senator*





Companhia das Lezírias

Coordenação da Produção Florestal e dos Recursos Silvestres

Figura 5 – Mapa de distribuição do Picanço-barreteiro na Charneca da CL

Nos últimos anos tem-se assistido a uma diminuição generalizada da população de Picanço-barreteiro. Em Portugal a sua redução tem sido bastante acentuada, o que numa espécie com estatuto de Quase Ameaçada pode indiciar uma revisão de estatuto em breve. Este facto realça a importância de preservar os núcleos onde a espécie ocorre com frequência, caso da CL. Na área de estudo a sua distribuição é ampla, contudo existe um maior número de registos na zona central da área.

Frequentemente, o picanço-barreteiro está associado uma paisagem em mosaico de florestais abertas, como seja um montado de sobre associado a galerias ripícolas e sebes naturais (ex. pilriteiros) (Cabral et al. 2006). A sua conservação pode ser promovida tendo com base uma pastorícia extensiva de reduzido encabeçamento, permitindo uma alternância de sub-coberto arbustivo e herbáceo onde pode caçar as suas presas (essencialmente coleópteros e ortópteros). Os adensamentos florestais e arbustivos são prejudiciais a esta espécie (Equipa Atlas 2008).

Bico-grossudo *Coccothraustes coccothraustes*

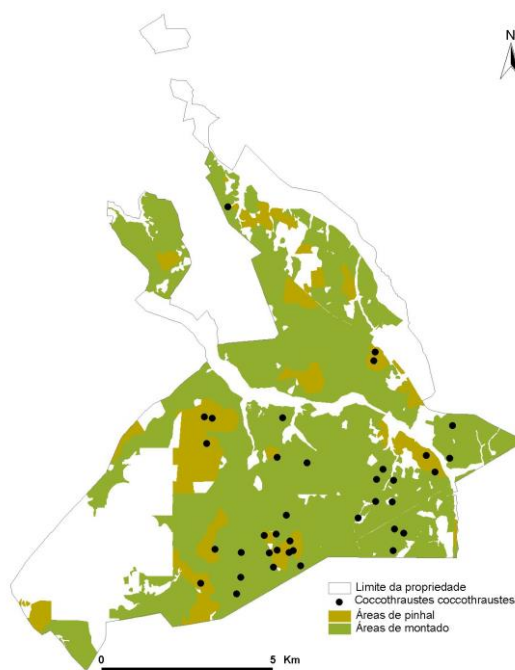


Figura 6 – Mapa de distribuição do Bico-grossudo na Charneca da CL

O elevado número de registos de Bico-grossudo na área de estudo contrasta com o que é o panorama Ibérico. Este facto, por si só, mostra a importância das áreas florestais da CL para a preservação desta espécie. Muitos contactos estão associados a zonas de pinhais mais antigos e a áreas de montado antigos com sub-coberto.

Os requisitos ecológicos desta espécie recaem em povoamentos florestais amplos e bem desenvolvidos, com frequência mistos (e.g. montado de sobre em associação com pinhal bravo ou manso). Estes requisitos devem-se à importância dos frutos de casca rija (como pinhões) e de lagartas (nomeadamente de processionária) na sua dieta e à frequência com que forma



Companhia das Lezírias

Coordenação da Produção Florestal e dos Recursos Silvestres

agrupamentos semi-coloniais (Martí & Del Moral 2003). Em Portugal, o seu declínio populacional está associado à agricultura intensiva, nomeadamente pela destruição das galerias ripícolas e das sebes naturais.

Mamofauna

Estão a ser realizados estudos que permitirão conhecer melhor a realidade em termos de mamofauna existente na CL. Da lista de espécies já apuradas há a destacar, em termos de conservação, o Toirão (*Mustela putorius*), o Gato-bravo (*Felis silvestris*) e o Rato de Cabrera (*Microtus cabreræ*).

***Mustela putorius* (Toirão)**

Devido à falta de dados sobre o seu efectivo populacional em Portugal, não é possível avaliar o seu risco de extinção pelo que está classificado como “Insuficientemente conhecido”.

O toirão é considerado generalista em termos de habitat. Ocupa todo o tipo de habitats, incluindo florestas, desde que não muito densas, matos, vegetação ripícolas, terrenos agrícolas e alagados e orlas, tirando partido de paisagens em mosaico (Blandford 1987, Roger e tal. 1988).

A conservação passa por uma melhoria do conhecimento sobre esta espécie, de acções de sensibilização ambiental e da preservação da qualidade do habitat.

Na CI foram encontrados dejectos e pegadas sobretudo ao longo de linhas de água com especial incidência em Vale Cobreão.

***Felis silvestris* (Gato-bravo)**

Está classificado como vulnerável em virtude de ter ocorrido uma redução do tamanho da população que poderá ter atingido os 30% nos últimos 24 anos.

Ocupa habitats florestais, tais como matagais mediterrânicos, florestas e bosques caducifólios ou mistos e, marginalmente, florestas de coníferas, podendo também ser encontrado em habitats abertos (Fernandes 1991, Kitchener 1991, Abreu 1993). As áreas ocupadas pela espécie caracterizam-se também por uma baixa densidade humana, sendo evitadas áreas de agricultura intensiva (Easterbee et al. 1991, Fernandes 1991). As zonas rochosas parecem ser um micro-habitat preferido. No Parque Natural de Montesinho, estudos de selecção de habitat indicam que o bosque é a categoria de vegetação preferida, sendo os prados o principal local de caça e o souto explorado como abrigo, destacando o carácter antropófobo da espécie (Fernandes 1991); na Reserva Natural da Serra da Malcata, Abreu (1993) refere a utilização, durante os períodos de actividade, de habitats de vegetação fechada, como mato com ou sem estrato arbóreo, carvalho e plantação de pinheiro com mato desenvolvido, ocorrendo também em zonas abertas, como pastos entremeados com matos e matos com estrato arbóreo; os locais de repouso situam-se em carvalho, em plantações de pseudotsuga sp. Com mato; Sarmiento & Cruz (1998) referem a preferência da espécie por bosques de carvalho-negral, giestais, urzais, estevais, medronhais e terrenos agrícolas.

A protecção estrita da espécie passa por um maior fiscalização da actividade cinegética, pela avaliação de impactos dos novos empreendimentos e pela construção de passagens adequadas



Companhia das Lezírias

Coordenação da Produção Florestal e dos Recursos Silvestres

para a fauna. Conservar o matagal mediterrânico e os habitats florestais. Controlo dos gatos ferais, maior conhecimento da população e campanhas de sensibilização.

Em 2008 foram capturados três indivíduos híbridos de primeira geração (com base em análises posteriormente efectuadas) ao longo da ribeira de Vale Cobrão e encontrados vários dejectos e pegadas. Estes indivíduos foram, depois de medidos e pesados, libertados. Foram-lhes colocados nessa altura transmissores e o seu percurso foi seguido durante algum tempo. Estes indivíduos dispersaram e saíram da área da UGF.

***Microtus cabreræ* (Rato de Cabrera)**

Classificado como vulnerável devido à reduzida área de ocupação, cerca de 2.000 Km². Admite-se uma fragmentação elevada e um declínio continuado da área de ocupação, da área, extensão e qualidade do habitat, do número de subpopulações e de indivíduos maduros.

As suas colónias ocorrem em formações de gramíneas perenes, juncais, comunidades nitrófilas, margens de ribeiras temporárias, solos alagados e, embora mais ocasionalmente, junto das orlas de ribeiras permanentes (Fernández-Salvador 1998).

Nos climas mediterrânicos sub-húmidos e substepários, utiliza zonas com menor produtividade como terrenos de gramíneas altas mas secas, por vezes associadas a diversos tipos de carvalhos como *Quercus rotundifolia*, *Q. faginea*, *Q. ilex* e, por vezes, *Q. pyrenaica* (San Miguel 1992).

As medidas de conservação passam pela protecção das zonas com colónias conhecidas e pela obtenção de informação sobre a capacidade de dispersão da espécie com vista a avaliar o grau de isolamento das colónias e, conseqüentemente a sua vulnerabilidade à extinção local.

Medidas de conservação

As medidas de gestão para a salvaguarda destas espécies e seus habitats prendem-se sobretudo com a manutenção da diversidade quer ao nível dos povoamentos florestais quer ao nível da paisagem. Devido à sua dimensão e aptidão natural a propriedade possui áreas florestais diversificadas em termos de espécies, densidade, composição e idade. Esta realidade aliada às actividades silvopastoril e agrícola garante a existência de grande diversidade de habitats. Por outro lado têm sido criadas zonas com pouca ou nenhuma perturbação onde a fauna se pode “refugiar”. Estão também a ser desenvolvidas acções de recuperação das linhas de água e da sua vegetação o que irá aumentar ainda mais a diversidade de habitats já existentes. O projecto de recuperação do coelho bravo é outro factor que contribui também para a melhoria das condições de habitat dos predadores.

Outra fauna

***Anguilla anguilla* (Enguia-europeia)**

Está classificada como espécie em perigo em virtude de se estimar que tenha ocorrido nos últimos 18 a 24 anos uma redução de cerca de 75% no número de indivíduos maduros.



Companhia das Lezírias

Coordenação da Produção Florestal e dos Recursos Silvestres

Ocorre em todos os tipos de ecossistemas aquáticos, tanto dulciaquícolas, como salobros ou marinhos. As massas de água continentais (salobras e dulciaquícolas) de carácter permanente constituem o principal habitat da espécie.

A espécie está abrangida por legislação nacional de defeso. É urgente investir na fiscalização de modo a desactivar o mercado negro associado ao comércio do meixão. Criação de épocas de defeso para as enguias prateadas (adultos em migração reprodutora). Desconhece-se a situação na CL.

***Chondrostoma lusitanicum* (Boga-portuguesa)**

Está classificada como espécie criticamente em perigo devido a uma provável redução em 80% do número de indivíduos maduros.

Ocorre preferencialmente em pequenos cursos de água. Não existem estudos que permitam identificar as suas preferências em termos de habitat.

Esta espécie está abrangida pela legislação nacional e internacional de conservação. Vários locais foram designados para a lista nacional de sítios ao abrigo da Directiva habitats devido à sua presença entre outros valores, mas carecem ainda de medidas de ordenamento e gestão dirigidas à espécie.

As medidas para a recuperação dos habitats fluviais naturais previstas nos Planos de Bacia Hidrográfica dos rios Tejo e Sado e no das ribeiras do Oeste (INAG 2000^a,d,2001) e na Directiva-quadro da Água deverão atingir a melhoria permanente da qualidade dos habitats aquáticos.

Foram identificados um total de 35 exemplares desta espécie em dois locais de amostragem na linha de água de “Vale Zebro” em 2009. Esta linha de água secou completamente nesse ano.

***Pelodytes punctatus* (Sapinho-de-verrugas-verdes)**

Classificado como espécie em perigo, sobretudo devido à fragmentação da população e devido à drenagem de zonas húmidas e canalização de rios.

É uma espécie que ocorre em florestas “com muita luz” (incluindo pinhais), assim como paisagens agrícolas e campos abertos. Ocorre habitualmente em águas estagnadas, desde lagoas profundas a pequenas charcas, pedreiras alagadas, linhas de água de pequeno caudal. Tem preferência por áreas arenosas e pedregosas.

A conservação deverá passar pela manutenção de zonas de encharcamento e pela protecção das linhas de regime torrencial. Sabe-se apenas que ocorre na CL.

Flora

***Thymus capitellatus* (Tomilho-do-mato)**

Consta do anexo IV da Directiva habitats (espécies vegetais que exigem uma protecção rigorosa).

Ocorre preferencialmente em solos arenosos ou dunas marítimas estabilizadas, em substratos porosos dunares ou derivados de arenitos argiláceos terciários. Coloniza zonas perturbadas de diversos tipos de matos seriais abertos em matagais, urzais, estevais e pinhais. Em zonas de



Companhia das Lezírias

Coordenação da Produção Florestal e dos Recursos Silvestres

montado aberto pode ocorrer em núcleos isolados. Espécie característica da Thymo capitellati-Stauracanthetum genistoidis (Rothmaler 1954) Rivas-Martines, T.E. Díaz & F.Fernández-González 1990, endémica de Portugal. Em termos de habitats da Directiva Habitats, pode encontrar-se associada aos 2150, 2250, 2230, 2260, 2270 e 6310.

A maior mancha ocorre na zona de Belmonte. Tem-se constatado, no entanto, que a espécie aparece em diversos locais da Charneca (Ex: Silha Matias, Vale frades, Malhada Alta).

As orientações de gestão que visam não só a manutenção das áreas onde já existe mas também a proliferação e propagação para novas áreas recomendam:

- A planificação dos usos e ocupação dos solos a médio e longo prazo;
- O incentivo de práticas silvícolas sustentáveis;
- O favorecimento de perturbações com padrão reticulado, resultantes da condução do pinhal;
- A prática de desmatações selectivas, efectuando cortes controlados de urzais e tojais, promovendo o mosaico vegetacional;
- O mantimento de ciclos de limpeza florestal de 3 a 5 anos, através do uso de cortamatos, evitando intervenções na primavera;
- A manutenção da presença de aceiros e clareiras nos pinhais;
- O condicionamento da alteração do uso do solo para usos agrícolas intensivos.

Habitats

Habitats prioritários existentes na UGE:

91 EO (91E0pt3) - Florestas aluvionais de *Alnus glutinosa* e *Fraxinus excelsior* (alno-padion, Alnion incanae, Salicion albae)

Bosques caducifólios, frequentemente densos e sombrios, ripícolas ou paludosos. Ausentes dos cursos de água temporários ou de acusado regime torrencial.

Orientações de gestão:

- Condicionamento das práticas de limpeza das margens dos cursos de água em áreas ocupadas pelo habitat;
- Manutenção de habitats associados (lameiros, juncais, prados);
- Condicionamento à construção de aproveitamentos hidráulicos;
- Condicionamento do corte de material lenhoso;
- Restabelecimento das catenas florestais;
- Interdição ao pastoreio na área de ocupação do habitat.

2150 - Matos com *Ulex australis* subsp. *welwitschianus*-dunas descalcificadas atlânticas (Calluno-ulicetea) (2150*);



Companhia das Lezírias

Coordenação da Produção Florestal e dos Recursos Silvestres

Dunas fixas com tojais, tojais-urzais e tojais-estevais psamófilos litorais ou sublitorais. Dominância de arbustos espinhosos do género *Ulex* (fam. *Leguminosae*) (*U. australis* subsp. *welwitschianus* ou *U. europaeus* subsp. *Latebracteatus*). Solos de textura arenosa profundos, oligotróficos e com baixa capacidade de retenção de água. Vegetação é interpretada como comunidades subseriais de bosques de *Quercus* ou *Pinus*. Genericamente é favorecida pelo fogo.

Orientações de gestão:

- Controlo das plantas exóticas infestantes;
- Promover a recuperação dos sistemas dunares (vd. 2120 e 2130);
- Desenvolver práticas de exploração sustentável do pinhal psamófilo, combinando a redução dos riscos de incêndio e a preservação deste habitat.

3170 - Charcos temporários;

Depressões de territórios de fisiografia plana (charcos endorreicos) ou margem de cursos de água, sazonalmente inundados por uma pequena altura de água doce. Colonizados por complexos de vegetação (*microgeosigmeta*) terofítica, anfíbia e efémera, de floração primaveril, de elevada diversidade (α e β). Territórios não montanhosos (<700 m) com solos de textura não arenosa. Preferem substratos siliciosos e oligotróficos, mais ou menos gleizados, em situações planas; por vezes surgem em solos argilosos derivados de calcários, em fisiografias do tipo poldge. Também podem ocorrer em depósitos fluviais onde predominam arenitos e conglomerados numa matriz argilosa.

Orientações de gestão:

- Interditar a drenagem e dragagem;
- Condicionar a mobilização do solo na área de ocupação do habitat;
- Vedar ou delimitar sazonalmente os charcos temporários localizados em terrenos cultivados, por altura das lavouras, evitando a sua mobilização; as vedações deverão contornar as comunidades da *Agrostion pourretii*;
- Criar zona tampão em torno dos charcos temporários, com um mínimo de 50 m a contar da margem, onde deve ser interdita a aplicação de fertilizantes;
- Condicionar a plantação de árvores, evitando o ensombramento;
- Condicionar a abertura de poços em zonas contíguas à do habitat;
- Condicionar a instalação de plantações florestais em áreas contíguas à do habitat;
- Condicionar o pastoreio, evitando a sua mobilização; as vedações deverão contornar as comunidades de *Agrostion pourretii*;
- Condicionar a alteração da fisiografia das margens dos cursos de água na área de ocupação do habitat.

4020 - Charnecas húmidas atlânticas temperadas de *Erica ciliaris* e *Erica tetralix*;

Formações arbustivas meso-higrófilas dominadas por urzes (*Erica ciliaris*, *E. tetralix*, *Calluna vulgaris*), tojos (geralmente *Ulex minor*) e espécies higrófilas do género *Genista* (*G. ancistrocarpa*, *G. anglica*, *G. berberidea*, *G. micrantha*). Além das espécies dominantes, são também frequentes diversas gramíneas (e.g. *Agrostis hesperica*, *Nardus stricta*), ciperáceas (e.g.



Companhia das Lezírias

Coordenação da Produção Florestal e dos Recursos Silvestres

Carex asturica, *C. pilulifera*), juncáceas (e.g. *Juncus squarrosus*) e dicotiledóneas herbáceas (e.g. géneros *Cirsium*, *Polygala*, *Potentilla*) característica dos prados e juncais com que habitualmente se organizam em mosaico (habitantes 6230, 6410 e 6510). Colonizam tipicamente solos permanentemente húmidos que sofrem um período de encharcamento variável durante a estação das chuvas, situados em áreas depressionárias de planalto ou fundos de vale. Ao que tudo parece indicar, os urzais-tojais meso-higrófilos e higrófilos são subseriais de diversos tipos de bosques mistos de carácter edafo-higrófilo (por exemplo: no Noroeste do País, bosques mistos de carvalhos, salgueiros e/ou bidoeiros). Dispõem-se tipicamente em mosaico com cervunais higrófilos (classe *Nardetea*; habitat 6230), dependendo o predomínio de uma das formações de intensidade do pastoreio e/ou da roça. Nas catenas de vegetação arbustiva, os urzais meso-higrófilos situam-se tipicamente entre os matos climatófilos da classe *Calluno-Ulicetea* (habitat 4030) e os urzais turfófilos da classe *Oxycocco-Sphagnetea* (habitat 4010). Os urzais-tojais meso-higrófilos e higrófilos distinguem-se dos urzais turfófilos (habitat 4010) pela presença de *Ulex minor* e pela ausência (ou pequena abundância) de esfagnos (*Sphagnum* sp. Pl.).

Orientações de gestão:

- Gestão adaptativa das actividades antrópicas com impacte negativo sobre o habitat, nomeadamente condicionando a actividade as actividades agrícolas e silvícola;
- Interdição da drenagem das áreas deste habitat;
- Ordenamento do pastoreio;
- Controlo das perturbações decorrentes do fogo.

Referências

- Cabral, M (Eds) (2006) ***Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal***. ICN. Assírio & Alvim.
- Díaz, M., Benigno, A. & Tellería, J.L. (1996) *Aves Ibéricas I. No Paseriformes*. J.M. Reyero Editor. Madrid.
- Equipa Atlas (2008) *Atlas das Aves Nidificantes em Portugal (1999-2005)*. ICNB, SPEA, PMM e SRAM. Assírio & Alvim, Lisboa
- Jordano, P. (1987) Notas sobre la dieta no-insectívora de algunos Muscicapidae. *Ardeola* 34: 89-98.
- Martí, R. & Del Moral, J.C. (eds.) (2003) *Atlas de las aves reproductoras de España*. Dirección General de Conservación de la Naturaleza-Sociedad Española de Ornitología. Madrid.
- Rufino, R. (Coord.) (1989) *Atlas das aves que nidificam em Portugal Continental*. CEMPA, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza. Lisboa.